

A INFERÊNCIA DE IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS NA LEITURA DE CONTOS ILUSTRADOS

THE INFERENCE OF SOCIO-DISCURSIVE IMAGINARIES IN THE READING OF ILLUSTRATED SHORT STORIES

Anabel Medeiros Azerêdo DE PAULA
Universidade Federal Fluminense
anabel.azeredo@gmail.com

Beatriz dos Santos FERES
Universidade Federal Fluminense
beatrizferes@id.uff.br

Resumo: Neste trabalho pretende-se investigar como o processo de inferências de imaginários sociodiscursivos auxilia a construção de sentidos na leitura de contos ilustrados, destinados ao público infantil. Essas narrativas constituem-se de textos verbovisuais, cujos sentidos emergem das relações que se estabelecem entre a linguagem verbal e a visual. Esses sentidos revelam-se através de um processo de interpretação, que se realiza pela percepção e pela contextualização dos seres do mundo, manifestados não só de modo icônico nas ilustrações, mas também pelo reconhecimento do universo construído pelo homem, concebido e categorizado de maneira simbólica pelas palavras. O texto verbo-visual requer do leitor uma competência semântica que lhe permita identificar os discursos que circulam na sociedade, formulados a partir de saberes de conhecimento e de crença sobre o mundo. O aporte teórico para analisar como as inferências de imaginários sociodiscursivos constroem o sentido do texto se concentra na Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, postulada por Patrick Charaudeau (2008, 2006) e o *corpus* investigado se constitui de obra de Souza Júnior (2014). A partir da obra analisada, pode-se perceber que os imaginários sociodiscursivos constituem-se, efetivamente, como uma imagem da realidade, pois, ao interpretarem-na de acordo com memórias discursivas, os sujeitos criam para si ou para o seu grupo uma verdade que orienta o seu pensamento e o seu comportamento social.

Palavras-chave: Inferência. Imaginário sociodiscursivo. Livro ilustrado.

Abstract: This paper aims to investigate how the inference process of social-discursive imaginaries assists the construction of meanings in picturebook reading, addressed to children. These narratives are constituted of verb-visual texts, whose senses emerge from the relationships that are established between the verbal and the visual languages. These senses are revealed through an interpretation process, which is held by the perception and the contextualization of the beings of the world. The beings of world are manifested in the illustrations iconically, but they can also be recognized by words, which categorize the world symbolically. The verb-visual text requires the reader a semantic competence, enabling him/her to identify the discourses that circulate in society, which are formulated from knowledge and belief about the world. The

theoretical framework used to analyze how the inferences of social-discursive imaginaries construct the meaning of the text is focused on Semiolinguistics Theory of Discourse Analysis, postulated by Patrick Charaudeau (2008, 2006) and the *corpus* is constituted by the work of Souza Júnior (2014). From this analysis, it can be perceived that social-discursive imaginaries constitute, effectively, as an image of reality, because, in interpreting it according to discursive memories, subjects create for themselves or for their group a truth that guides your thinking and your social behavior.

Keywords: Inference. Social-discursive imaginaries. Picturebook.

Considerações iniciais

Desde que começou a ser escrita especificamente para crianças, no século XVIII, a finalidade da literatura infantil tem sido concebida sob duas perspectivas: segundo Coelho (2000), há aqueles que acreditam que ela deva servir a fins eminentemente artísticos, sem compromisso com a realidade e com os valores éticos-sociais vigentes; e há também outras pessoas que afirmam ser o papel da literatura infantil o de ajudar a criança a se integrar à sociedade, reproduzindo e perpetuando os valores tradicionais consolidados pela sociedade. Para atender a essa demanda, a literatura infantil foi inserida na escola com objetivos declaradamente moralizantes e prescritivos para que a criança entenda, dentre outras instruções, como deve comportar-se socialmente, quais valores sociais deve prestigiar, quais crenças deve ter etc.

Como o cognitivo infantil não é suficientemente competente para dominar o código verbal simbólico (PALO E OLIVEIRA, 2001), uma estratégia bastante recorrente na literatura destinada às crianças é a constituição do texto por meio de imagens e palavras. Apesar de contribuir para a transferência e a aprendizagem de conceitos abstratos, o uso de ilustrações faz com que, frequentemente, a literatura infantil seja considerada sob pontos de vista que parecem reduzir o seu caráter discursivo: ora as ilustrações são consideradas como recurso de facilitação à leitura, principalmente, quando a criança ainda não está alfabetizada; ora como estratégia de captação para despertar seu interesse pelo livro. Contudo, percebe-se que a semiose entre as linguagens verbal e visual compõe textos em gêneros textuais de diversos domínios discursivos, atuando, principalmente, como estratégia discursiva de captação. O anúncio publicitário, por exemplo, como afirma Monnerat (2013, p. 411),

apresenta “caráter híbrido, já que se apoia no binômio texto verbal / texto não verbal” e “se constrói sobre uma argumentação icônico-linguística”.

A imagem e a palavra podem se articular de modos diferentes na narrativa infantil. Como explicam Nikolajeva e Scott (2011, p.13), as obras que não apresentam inter-relação explícita entre palavra e imagem são chamadas, no Brasil, “livro com ilustração”, tradução adotada para os termos em inglês: *picture book*, *illustrated book* e *books with picture*. No entanto, as obras que comunicam por meio de dois conjuntos distintos de signos – o icônico e o convencional – são chamadas “livros ilustrados” ou *picturebook*, em inglês. Para Hunt (2010, p. 233), “essa distinção é, em grande parte, organizacional. Porém, se lembrarmos que a ilustração altera o modo como lemos o texto verbal, isso se aplica ainda mais ao livro ilustrado.” Por isso, é tão importante esclarecer como o livro ilustrado – objeto de análise deste trabalho – se distingue do livro com ilustração.

De acordo com Feres (2016), o livro ilustrado é um gênero que apresenta semiose verbo-visual e caráter estético, enquanto o livro com ilustração apenas agrega imagens à narrativa verbal, estabelecendo uma relação de (quase) redundância entre os signos verbal e visual. No livro ilustrado, a responsabilidade pela transmissão da mensagem não se concentra, exclusivamente, na parcela verbal ou na parte visual do texto, mas no modo como são associadas. Segundo Santaella (2012), semanticamente, essa interação pode estabelecer relações de dominância, redundância, complementaridade e discrepância entre palavra e imagem.

É preciso considerar, ainda, a ambiguidade que a terminologia **livro ilustrado** pode conotar ao designar não só o suporte material, mas também o gênero em que as obras são escritas. Com o objetivo de refinar a pesquisa em livros ilustrados, este trabalho alinha-se ao de Feres (2016), que recomenda a nomenclatura **contos ilustrados** para representar obras verbo-visuais de natureza literária, cuja característica principal seja retratar um momento significativo na vida de um personagem.

Conforme pontua Hunt (2010, p. 234), “os livros ilustrados têm um grande potencial semiótico/semântico”; por isso, este trabalho se propõe a demonstrar

como o cálculo do sentido é previsto pela conformação do texto verbo-visual, a partir do acionamento de imaginários sociodiscursivos do leitor para construção do sentido. Para tanto, faz-se necessário recorrer, principalmente, a Teoria Semiollingüística de Análise do Discurso, postulada por Patrick Charaudeau (2008), para tratar de questões relacionadas ao contrato de comunicação na Literatura Infantil, aquele que se materializa no conto ilustrado, e de implicações relacionadas às representações sociais em jogo na leitura, sob o viés dos imaginários sociodiscursivos, também sistematizados por Charaudeau (2006).

1. Algumas considerações sobre o contrato de comunicação na Literatura Infantil

Embora haja profundas discordâncias, entre teóricos, em relação à conceituação de gêneros literários, para Coelho (2000), esses gêneros, em geral, se classificam em poesia, ficção e teatro e se dividem em subgêneros ou formas básicas. A elegia, o soneto, a ode, o hino, o madrigal são, por exemplo, formas básicas da poesia; enquanto o conto, o romance, a novela, a literatura infantil são formas básicas de ficção; e a farsa, a tragédia, a ópera, a comédia são formas básicas de teatro. As formas básicas da ficção ainda se diversificam em outras categorias, dependendo de alguns fatores como a natureza do tema, da intencionalidade, da matéria ficcional etc. Pode-se perceber que esses critérios de classificação são consoantes à orientação de Charaudeau (2008), que defende a categorização de textos em gêneros, de acordo com as finalidades da situação de comunicação e do projeto de fala de que resultam.

A partir dessas considerações, pode-se afirmar que o texto que constitui o *corpus* analisado se inscreve no gênero conto ilustrado. De acordo com Coelho (2000, p.71), o conto é uma das três formas básicas do gênero narrativo (ficção) e “tudo no conto é *condensado*: a efabulação¹ se desenvolve

¹ “Chamamos de *efabulação* o recurso pelo qual os fatos são encadeados na trama, na sequência narrativa. É o recurso básico na estruturação de qualquer narrativa, pois dele depende o desenvolvimento e o ritmo

em torno de uma única ação ou situação; a caracterização das personagens e do espaço é breve; a duração temporal é curta...”

O conto ilustrado pertence a um conjunto de práticas sociais e, ao materializar um projeto de influência de um sujeito sobre outro, estabelece entre eles um contrato de comunicação. Nessa perspectiva, Charaudeau (2008) afirma que toda interação humana se realiza por meio de contratos que pressupõem a existência de uma intenção psico-socio-discursiva de um sujeito, denominado comunicante, que deseja atingir seu parceiro na troca linguageira, o sujeito interpretante.

É importante ressaltar que para Charaudeau (2008) o ato de linguagem é permeado de estratégias, pois o sujeito interpretante pode aderir ou não ao projeto de fala do sujeito comunicante, seja por partilhar ou não os mesmos saberes necessários à compreensão da mensagem, seja por se identificar ou não com aquilo que lhe é transmitido. Ao processo de interpretação não pertence somente o plano linguístico ou superficial da informação, mas também o nível discursivo inerente ao contexto histórico-social, em que ocorre a situação de comunicação.

Para que haja um **ato linguageiro** bem sucedido, seja em uma situação dialógica, como uma conversa, por exemplo, seja em uma situação monológica, como um livro, entram em cena os protagonistas da situação de comunicação, a saber: o sujeito enunciador, aquele que se reveste de máscaras para atualizar as estratégias de persuasão, e o sujeito destinatário, idealizado pelo sujeito enunciador. Vale destacar que, ao falar em sujeitos envolvidos no contrato de comunicação, Charaudeau (2008) não está se referindo estritamente a pessoas, mas a posições a serem ocupadas. Por isso, pode acontecer que mais de uma pessoa ocupe a posição de sujeito comunicante, ou ainda, que o sujeito enunciador não coincida com o sujeito comunicante. No contrato de comunicação na Literatura infantil, o sujeito comunicante pode ser identificado como o autor e o ilustrador da obra e como

da ação. Em se tratando de literatura infantil, a estrutura mais adequada é a *linear*, ou melhor, a que segue a sequência normal dos fatos: princípio, meio e fim.” (COELHO, 2000, p.71).

todas as pessoas que trabalham em sua edição, e o sujeito enunciador, por sua vez, como o narrador da história.

O contrato de comunicação de literatura infantil estabelece-se entre adultos (na instância de produção) e crianças (na instância de recepção). Contudo, não se pode dizer que apenas a criança seja o sujeito destinatário absoluto dessas obras, pois o livro infantil também está inserido em uma dinâmica mercadológica e, para ser comercializado, precisa agradar também aos pais ou responsáveis pelos pequenos leitores. Além disso, o livro infantil também circula nas escolas, onde muitas vezes o professor é quem seleciona ou medeia a leitura. Dessa forma, não se pode deixar de considerar o duplo endereçamento dos livros infantis. A adequação temática aos valores sociais vigentes e a qualidade gráfica e estética, por exemplo, são aspectos pensados para o destinatário adulto, enquanto o tamanho da fonte, a diagramação específica, o colorido das ilustrações e a identificação temática pertencente ao universo da criança são recursos dirigidos ao público infantil. O sujeito interpretante pode ser identificado como o leitor real. Nessa instância, há a possibilidade de crianças e adultos ocuparem a mesma posição, pois é possível haver apreciadores de literatura infantil em qualquer faixa etária.

Dispositivo do Contrato de Comunicação no Conto Ilustrado



2. Os imaginários sociodiscursivos

A Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso postula que a realidade não existe em si, mas origina-se a partir do processo de interpretação. Por isso,

pode-se afirmar que as representações sociais são imagens do mundo, construídas de acordo com um ponto de vista, sob uma perspectiva. Desse modo, as representações sociais constroem o real como universo de significação, constituindo-se em imaginários. Esses imaginários são materializados nos comportamentos sociais e nas atividades coletivas. Essa materialidade, por sua vez, é sustentada por uma racionalidade discursiva, que pode estar inserida em textos escritos ou orais, como por exemplo, textos de doutrinas religiosas, teorias científicas, manifestos culturais, intervenções políticas e provérbios. Para Charaudeau (2006), esses textos desempenham o papel de espelho identitário frente aos membros de um grupo social.

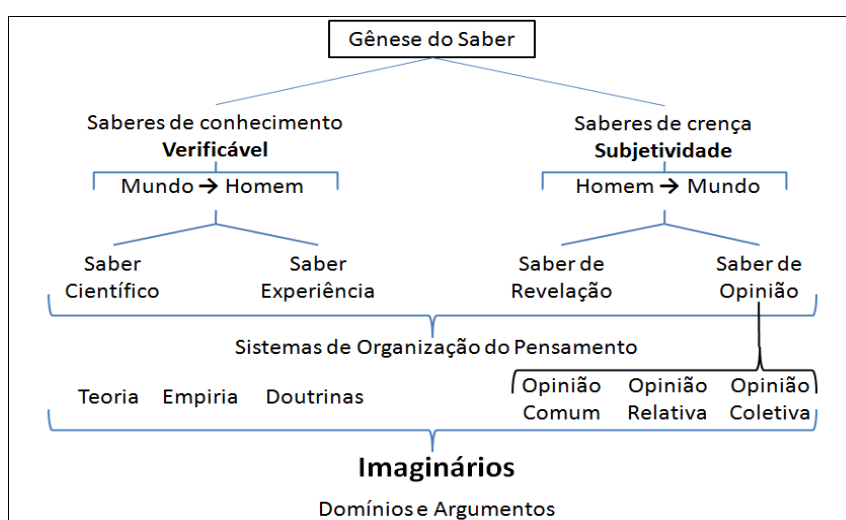
Os imaginários sociodiscursivos são engendrados pelos discursos que circulam na sociedade, organizam-se em sistemas de pensamento e se depositam na memória coletiva, justificando valores e comportamentos sociais. Segundo Charaudeau (2006), os imaginários estão fundamentados em saberes de crença e de conhecimento, os quais sustentam as maneiras de dizer tais discursos. Os saberes de conhecimento tendem a estabelecer uma verdade acerca dos fenômenos do mundo, livre da subjetividade do sujeito. Esses saberes são construídos a partir de uma lógica científica, resultado de uma verificação ou de uma experimentação, que podem ser atestados e comprovados no mundo real. Os saberes de conhecimento são divididos em saber científico e saber de experiência.

Os saberes de crença, por sua vez, constroem valores sobre o mundo, pautados pela avaliação humana e se subdividem em saber de revelação e saber de opinião. Nos saberes de crença, o vínculo entre o homem e o mundo é atravessado pela subjetividade, sobre a qual o homem se sobrepõe ao mundo. O saber de revelação se justifica a partir de uma verdade exterior ao sujeito, que, ao contrário do saber de conhecimento, não precisa ser provada. O saber de opinião, por seu turno, tem origem em um processo avaliativo, no qual o sujeito toma posições sobre os fatos do mundo. É preciso salientar que a opinião é o resultado de um movimento de apropriação de saberes que advêm das proposições circulantes em um grupo social e pode ser contestada. Vale destacar também que todo juízo de opinião é subjetivo e fundamentado

em saberes partilhados, por essa razão, esse saber assume uma função identitária. O saber de opinião se divide em três instâncias:

- Opinião comum: caracteriza-se por ser um julgamento de caráter generalizante, difundido socialmente. É expresso por meio de provérbios e ditos populares. Na opinião comum, o sujeito não produz argumentos próprios, pois ele se apropria do julgamento da doxa.
- Opinião relativa: esse julgamento diz respeito a um sujeito individual ou a um grupo específico que, emitindo uma opinião, não exclui a possibilidade de haver outras diferentes. O saber de crença de opinião relativa se manifesta em espaços de discussão democráticos.
- Opinião coletiva: é a opinião que um grupo possui sobre outro grupo. Esse tipo de julgamento visa a definir, qualificar e essencializar o grupo focalizado.

Nota-se, desse modo, que os imaginários sociodiscursivos são concebidos a partir dos diferentes tipos de saberes encontrados na sociedade e que esses tipos de saberes fixam os discursos circulantes na sociedade. O quadro a seguir apresenta os tipos de saber, conforme proposto por Charaudeau (2006, p.63):



Esquema de representação da Gênese do Saber *apud* Mota (2015)

Em *O chefão lá do Morro* (SOUZA JÚNIOR, 2014), o autor mobilizou imaginários sociodiscursivos consolidados a partir da opinião coletiva sobre

temas como a violência e a criminalidade, aplicados às comunidades situadas em morros onde há tráfico de drogas. Os temas e o vocabulário que compõem um imaginário sociodiscursivo não são específicos dele, há significações diferentes sobre os mesmos assuntos e sobre as mesmas unidades lexicais em diversos discursos. Pêcheux (1995), por exemplo, em relação às formações discursivas, afirma que uma palavra, uma expressão ou uma proposição não têm um sentido que lhes seria próprio, como se estivesse preso a sua literalidade; fato que pode ser igualmente aplicado aos imaginários sociodiscursivos.

Segundo Mainguenu (2008), para além da abordagem de um tema e da escolha do vocabulário, está o tratamento semântico a ser aplicado. Já Charaudeau (2008, p. 26) explica que

não se pode determinar de forma apriorística o paradigma de um signo, já que é o ato de linguagem, em sua totalidade discursiva, que o constitui a cada momento de forma específica. Em outras palavras, longe de conceber que o sentido se constituiria primeiro de forma explícita em uma atividade estrutural e, em seguida, seria portador de um implícito suplementar no momento de seu emprego, dizemos que é o sentido implícito que comanda o sentido explícito para constituir a significação de uma totalidade discursiva. (CHARAUDEAU, 2008, p. 26.)

Para demonstrar como o imaginário sociodiscursivo é consolidado pela opinião coletiva, e não por autobiografias, fez-se uma coleta das descrições presentes em *O chefe lá do Morro* (SOUZA JÚNIOR, 2014), que conduzem o leitor à interpretação do personagem principal da história como o chefe do tráfico de drogas, para serem confrontadas às qualificações que outros grupos fazem sobre esses traficantes. No caso em análise, as avaliações que outros grupos fazem acerca do chefe do tráfico são compiladas e divulgadas pela mídia, por isso, recorreu-se a reportagens de jornais virtuais.

<p>Descrições sobre o chefe do tráfico de drogas, que constam em <i>O chefe lá do Morro</i> (SOUZA JÚNIOR, 2014)</p>	<p>Reportagens sobre traficantes de drogas, que circulam em jornais virtuais</p>
<p>➤ Manda no morro;</p>	<p>➤ Tráfico impede entrega e serviços</p>

<ul style="list-style-type: none"> ➤ É popular e famoso; ➤ É muito mau; ➤ Com sua fama já foi capa de jornal; ➤ Domina o morro aramado até os dentes, rodeado por seus soldados e parentes; ➤ Foi parar no xadrez... Não ficou por lá nem um mês; ➤ Tem criança que acha o chefão o máximo, mas seus pais não gostam que brinquem com ele; ➤ O carteiro sobe o morro devagar para a ira do Chefão não despertar e ➤ Gosta de cavar buracos fundos. 	<p>públicos (Gazeta on line, 13 ago 2012);</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Chefe do tráfico mandou matar ex-líder comunitário do morro dos macacos (Novas do dia, 1 ago 2011); ➤ Crianças começam no tráfico do Rio aos oito anos de idade, diz instituto (R7 notícias, 28 dez 2009); ➤ Maior traficante de Porto Seguro e outros presos fogem de presídio em Salvador (Primeiro Jornal, 18 ago 2015) e ➤ Traficantes enterram dois homens vivos em Niterói (RJ) (R7 notícias, 20 out 2015).
--	---

Esses saberes de crença a respeito da identidade dos traficantes de drogas é o que constitui as inferências feitas em *O chefão lá do Morro* (SOUZA JÚNIOR, 2014), as quais conduzem o leitor a crer que o personagem principal do livro é o chefe do tráfico de drogas. Segundo Koch e Travaglia (2015, p.79),

inferência é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar, ou, então entre segmentos de texto e os conhecimentos necessários para a sua compreensão. (KOCH e TRAVAGLIA, 2015, p.79.)

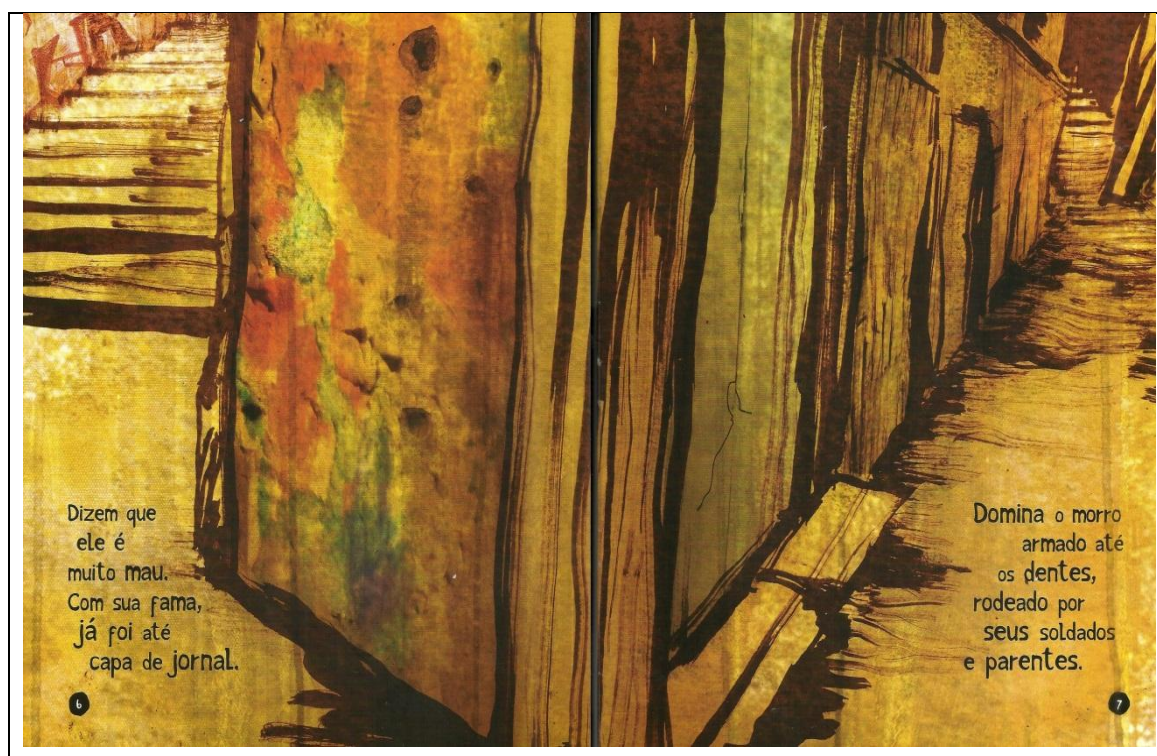
Por outro lado, essas mesmas descrições atribuídas ao chefe do tráfico podem ser aplicadas para definir o comportamento de cachorros. Os temas violência e criminalidade, presentes no imaginário sociodiscursivo que caracteriza o chefe do tráfico de drogas, também são compatíveis àqueles específicos ao comportamento de cães, sobretudo daqueles que vivem em

comunidades onde há esse tipo de tráfico. Por isso, é possível fazer duas leituras desse conto, uma – que geralmente é a primeira – conferindo todas as descrições ao chefe do tráfico de drogas; e a outra – que parece acontecer imediatamente ao fim da história, no momento em que o leitor se surpreende com a ilustração do verdadeiro Chefão –, outorgando as mesmas descrições ao verdadeiro Chefão da história, outrora destinadas ao chefe do tráfico.

3. A in(ter)ferência de imaginários sociodiscursivos à leitura

O *corpus* deste trabalho se compõe do livro ilustrado *O chefão lá do morro* (SOUZA JÚNIOR, 2014), escrito por Otávio Júnior e ilustrado por Angelo Abu. A obra explora o suspense e a quebra de expectativa como estratégias de captação, uma vez que as descrições psicológicas e comportamentais do personagem principal levam o leitor destinatário a crer que correspondem às características de um chefe de tráfico de drogas. No entanto, na verdade, essas descrições referem-se a um cachorro chamado Chefão. Isso significa que, nessa história, essas descrições podem ser atribuídas tanto ao chefe do tráfico de drogas, quanto ao cachorro.

Pode-se afirmar, conforme Santaella (2012), que a relação semântica entre palavra e imagem, nesse texto, é de dominância da parte verbal sobre a parcela visual. A parte verbal oferece as descrições psicológicas e comportamentais do personagem, enquanto a parte visual situa e localiza o espaço onde a narrativa ocorre. Contudo, ambas fazem alusão a um imaginário sociodiscursivo de marginalidade e de violência, consolidado pela opinião coletiva como característico de comunidades situadas em morros onde há tráfico de drogas.



(SOUZA JÚNIOR & ABU, 2014, p. 6-7)

Vale ressaltar também a combinação perfeitamente adequada entre a parcela verbal e a visual do texto para contextualizar o leitor. Como exemplo, pode-se destacar a articulação entre a oração “O bonde do chefão: Magrinho, Perninha, Sultão, Bola e Pretinho” (SOUZA JÚNIOR, 2014, p. 8-9) e a imagem de um bondinho pairando sobre um aglomerado de casas. A ilustração remonta a regiões do Rio de Janeiro, comumente conhecidas por favelas, onde houve um processo de urbanização em que meios de transporte como esse foram instalados.



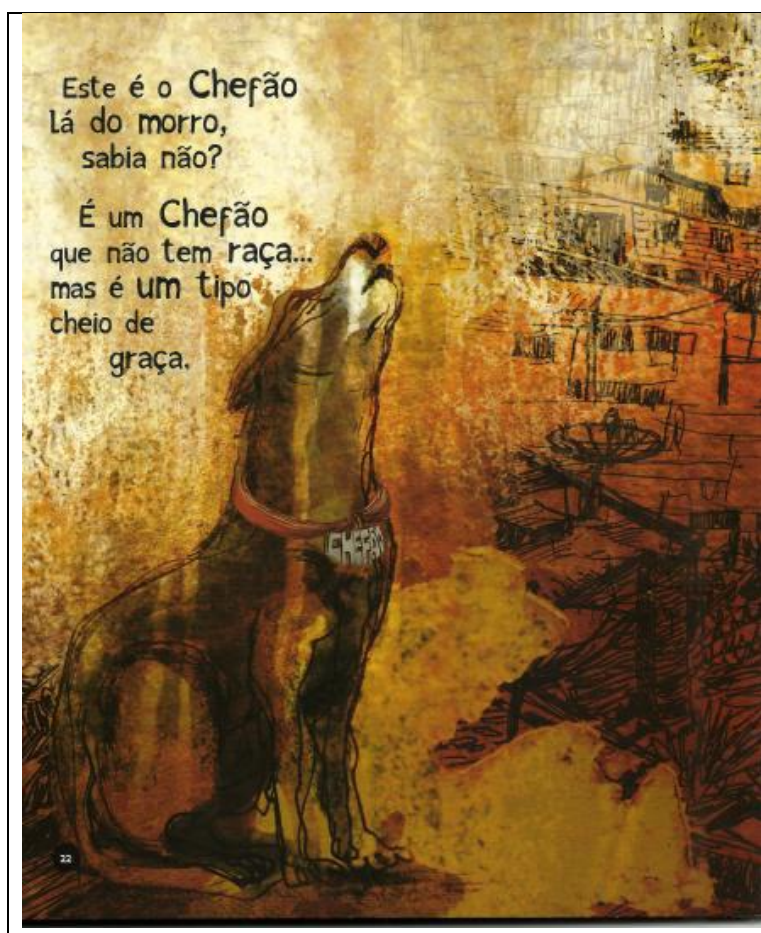
(SOUZA JÚNIOR & ABU, 2014, p. 8-9)

A referenciação do signo verbal “bonde” não é equivalente à referência presente na parcela visual do texto. No plano verbal, o significado é conotado metaforicamente, por causa da similaridade que há entre a quantidade de pessoas transportadas em bondes e a quantidade de pessoas que formam um grupo, motivadas por interesses comuns. Nesse caso, o sentido de discurso se sobrepõe ao sentido de língua, pois o signo verbal bonde se refere ao grupo do Chefão e não ao meio de transporte.

O signo visual bondinho parece sugerir uma relação de fixação com a parte verbal do texto, devido à ambiguidade causada pelo significado denotado de bonde. Contudo, o acionamento do imaginário sociodiscursivo leva o leitor a inferir que o signo visual, nesse caso, se presta a ambientar a história em um morro do estado do Rio de Janeiro, em que bondinhos como esse que aparece na história tenham sido instalados.

Para que o efeito de suspense seja alcançado, o leitor precisa não só compartilhar do imaginário sociodiscursivo acerca da marginalidade e da violência praticadas pelos traficantes de drogas nos morros em que vivem, mas também atribuí-lo ao cachorro de modo paralelo, o que pode suscitar a releitura do texto.

É importante enfatizar como o livro ilustrado integra palavra e imagem. Em *O chefão lá do Morro* (SOUZA JÚNIOR, 2014), a ancoragem da história é feita pela parte visual do texto, como no momento em que o narrador apresenta o verdadeiro Chefão. Não há na parte verbal nenhuma referência nem ao cachorro, nem ao traficante; é a parte visual do texto que revela o Chefão, o que resulta na quebra de expectativa do leitor, já que toda parte verbal da história mobiliza um imaginário sociodiscursivo que conduz o leitor à outra interpretação.



(SOUZA JÚNIOR & ABU, 2014, p. 22)

4. Palavras finais

A linguagem visual e a linguagem verbal, embora apresentem formas de representação distintas, requerem ativação dos imaginários sociodiscursivos e o compartilhamento dos saberes necessários para a interpretação do texto.

Apesar de o signo visual manter uma relação estreita com aquilo que representa, precisa ser contextualizado para construir sentido, o que demanda o compartilhamento total ou parcial dos imaginários sociodiscursivos em jogo na leitura. O signo verbal, por seu turno, mantém com o mundo discretizado uma relação convencional, apresentando um sentido linguístico transparente, ou seja, denotativo. Ao inserir-se no nível discursivo, o signo verbal, torna-se opaco e conotativo, abrigando implicitamente outras significações.

A partir da obra analisada neste trabalho, pode-se perceber como os imaginários sociodiscursivos constituem-se, efetivamente, como uma imagem da realidade, pois ao interpretarem-na de acordo com memórias discursivas – formadas a partir dos saberes de conhecimento e de crença sobre o mundo –, os sujeitos criam para si ou para o seu grupo uma verdade, que orienta o seu pensamento e o seu comportamento social.

O leitor que descobre o verdadeiro Chefão do morro, por exemplo, pode se sentir até ludibriado ao se deparar com a imagem do cachorro no final do conto, pois a certeza de que a história descreve um traficante de drogas origina-se do imaginário sociodiscursivo que se formou, por meio da opinião coletiva, a respeito da identidade do chefe do tráfico.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que os imaginários sociodiscursivos são difundidos em um espaço de interdiscursividade, testemunhando as identidades coletivas e contribuindo para a reflexão dos indivíduos e de seus grupos sociais sobre o mundo em que vivem.

Referências bibliográficas

BANDEIRA, M. Tráfico impede entregas e serviços públicos. **A Gazeta**, Vitória, 13 de ago 2012. Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2012/08/noticias/a_gazeta/dia_a_dia/1344901-traffic-impede-entregas-e-servicos-publicos.html. Acesso em 30/06/2016.

CHARAUDEAU, P. *Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux*. In: BOYER, H. **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Langue(s), discours, vol. 4. Paris: Harmattan, 2006, p.49-63.

_____. **Linguagem e discurso: Modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, D. Maior traficante de Porto Seguro e outros presos fogem de presídio em Salvador. **Primeiro Jornal**, [S.l.], 18 ago 2015. Disponível em: <http://noticias.primeirojornal.com.br/2015/08/maior-trafficante-de-porto-seguro-e-outros-presos-fogem-de-presidio-em-salvador/>. Acesso em 30/06/2016.

FERES, B, dos S. A função descritivo-discursiva da verbovisualidade em livros ilustrados. In: **Elos. Revista de Literatura Infantil e Juvenil**. Universidade de Santiago de Compostela. ISSN 2386 -7620 / n.º 3. pp. 5-31, 2016.

IG RIO DE JANEIRO. Chefe do tráfico mandou matar ex-líder comunitário do morro dos macacos. **Notícias do dia**, Rio de Janeiro, 1 ago 2011. Disponível em: <http://www.novasdodia.com.br/chefe-do-traffic-mandou-matar-ex-lider-comunitario-do-morro-dos-macacos/>. Acesso em 30/06/2016.

KOCH, I.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 18 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MAINGUENEAU, D. Uma semântica global. In: _____. **Gênese dos discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOTA, G. B. **Imaginários sociodiscursivos na temática feminina da obra de Chico Buarque. 2015**. 132 f Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras, 2015.

HUNT, P. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MONNERAT, R. A imagem no discurso publicitário: Texto verbal e não verbal podem estar em conflito? In: MENDES, Emília *et al* (Orgs.). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. **Livro ilustrado: palavras e imagens**. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PALO, M. J.; OLIVEIRA, M. R. D. **Literatura Infantil – voz de criança**. 3ª ed. Série Princípios. Rio de Janeiro: Ática, 2001.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica a formação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi *et al*. 3 ed. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1997.

RJ NO AR. Traficantes enterram dois homens vivos em Niterói (RJ). **R7 notícias**, Rio de Janeiro, 20 de out de 2015. Disponível em: <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/rj-no-ar/videos/traficantes-enterram-dois-homens-vivos-em-niteroi-rj-20102015>. Acesso em 30/06/2016.

RUBACK, C. Crianças começam no tráfico do Rio aos oito anos de idade, diz instituto. **R7 notícias**, Rio de Janeiro, 28 dez 2009. Disponível em: <http://noticias.r7.com/cidades/noticias/criancas-comecam-no-traffic-de-drogas-do-rio-aos-oito-anos-de-idade-diz-instituto-20091227.html>. Acesso em 30/06/2016.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. Coleção: como eu ensino. São Paulo: Melhoramentos, 2012.